

A fenomenologia heideggeriana¹

Rogério Tabet de Almeida²

Resumo

O presente trabalho se dispõe a apresentar sucintamente a noção de fenomenologia que, segundo Heidegger, a ontologia só é possível como fenomenologia e assim, como ontologia é uma hermenêutica, exatamente porque a analítica fenomenológica atinge o trabalho de interpretação aplicado ao *Dasein*.

Palavras-chave: Heidegger. Fenomenologia. Dasein.

Abstract

This paper sets out to present briefly the notion of phenomenology, according to Heidegger, ontology is only possible as phenomenology and so, as a hermeneutic ontology is precisely because the phenomenological reaches the analytical work of interpretation applied to *Dasein*.

Keywords: Heidegger. Phenomenology. Dasein

Introdução

Martin Heidegger, filósofo alemão, nasceu em Messkirch (Grão-ducado de Baden), em 1889 e morreu em maio de 1976, em Freiburg-im-Breisgau. Sua formação filosófica foi adquirida na Universidade de Freiburg-im-Breisgau, onde estudou com Edmund Husserl (1859-1938), criador do método fenomenológico, e com Heinrich Rickert (1863-1936), culturalista neokantiano que se preocupava com a fundamentação metodológica da História.

Doutorou-se em 1914 e dois anos depois habilitou-se para o magistério na Universidade de Freiburg, vindo a assumir uma das cátedras de filosofia, em 1923, na Universidade de Marburg.

Em 1927, publicou seu maior e mais conhecido trabalho (embora inacabado), intitulado *Ser e Tempo*. Esta obra o projetou como o mais famoso filósofo existencialista, qualificação que ele repudiava.

Já em 1928 retornou à Universidade de Freiburg, sucedendo seu antigo mestre Husserl na cátedra.

Indiscutivelmente foi um dos pensadores mais importantes do século XX, não só pela sua contribuição para a filosofia contrapondo-se, de certa forma, a tradição da filosofia (metafísica), quanto pelo esclarecimento e re colocação do problema do sentido do *Ser* bem como pela volta a questão ontológica.

¹ Artigo apresentado para a aferição na disciplina Fundamentos Filosóficos da Interpretação do Direito, ministrada pelo Prof. Cleyson de Moraes Mello – Mestrado em Direito da UNIPAC – 2010.

² Aluno do Mestrado em Direito – Hermenêutica e Direitos Fundamentais – UNIPAC – rogeriotabet@hotmail.com

O fundamental pensamento filosófico heideggeriano inicia-se, efetivamente, em sua obra *Ser e Tempo* onde expõe o problema do *Ser*, seu sentido, sua verdade. A forma como aborda o problema do *Ser*, não é exposta por Heidegger do mesmo modo como sempre o fora pela metafísica tradicional. Conforme Heidegger expõe, a metafísica grega, expôs corretamente a temática do *Ser* e alinhou algumas respostas, apresentando as bases para a solução do problema, no entanto, o significado autêntico e as verdadeiras conquistas dessas primeiras análises foram alterados com o passar do tempo por uma série de razões. Heidegger atribui aos teólogos escolásticos a responsabilidade pela degeneração da problemática essencial da filosofia, os quais teriam simplificado a ontologia, passando a trabalhar com um conceito de *Ser* vazio e abstrato, dentro dos quadros de abordagem sobre a lógica formal.

Em sua consagrada obra *Ser e Tempo*, Heidegger aborda o problema do *Ser*, empregando o método fenomenológico, formulado por seu mestre Edmund Husserl. A Fenomenologia se propõe a abordar os objetos do conhecimento tais como aparecem, isto é, tais como se apresentam imediatamente à consciência. Isso implicaria, portanto, deixar de lado, toda e qualquer pressuposição sobre a natureza desses objetos. Heidegger entende que as pressuposições, formadas por séculos de metafísica, distanciaram a filosofia do verdadeiro conhecimento do *Ser*.

Nas palavras do Prof. Cleyson de Moraes Mello temos que “A tradição da metafísica ocidental foi permeada pela entificação do *Ser*, ou seja, a história do encobrimento do *Ser*”³.

O ponto inicial da investigação de Heidegger é o problema do sentido do *Ser*. O importante está em alcançar a colocação correta pelo sentido do *Ser*. Assim, Heidegger expõe que a investigação da tradição metafísica sempre se ateve a uma compreensão ôntica, dominada pelo *Ente* (entificando o *Ser*), ao invés de uma compreensão a cerca do sentido do *Ser*, onde este não mais é tido como fundamento.

Isso indicar-nos que não apenas o *Ser* é. O *Ser* não mais é fundamento, o *Ser* não-é, mas dá-se *Ser*.

Heidegger foi, sobretudo, um fenomenólogo, considerava o seu método fenomenológico/hermenêutico. Ambos os conceitos fazem referência a uma intenção de direcionar a atenção para dar visibilidade aquilo que se oculta naquilo que se mostra, mas que é precisamente o que se manifesta nisso que se mostra.⁴ Assim, o todo o trabalho hermenêutico elaborado por Heidegger visa interpretar o que se mostra, o que se manifesta *aí*, mas que, de plano e na maioria das vezes, não se deixa ver.

A questão fundamental da filosofia heideggeriana não é o homem, mas sim o *Ser*, o sentido do *Ser*.

O ponto de partida necessário de toda tentativa em “determinar” o sentido do *Ser* do *Ente* em regra, era o homem como *ser-aí* – *Dasein*⁵ – expressão principal da filosofia heideggeriana. Pois, de todos os *Entes*, o homem é o único ao qual é, de fato, exigida

³ MELLO, 2006, p. 2

⁴ O ser manifesta-se no ente.

⁵ Entende-se por *Dasein* a manifestação do ser-no-mundo (o ente no mundo). O que se equivale ao lugar de compreensão. Em suma, *Dasein* quer dizer o *aí* do ser, o *ser-aí*, ele designa o lugar onde emerge a questão do ser, por assim dizer, o lugar de sua manifestação.

uma solução para o problema do existir. Assim, criando toda uma terminologia própria, Heidegger denomina o modo de *Ser* do homem, nossa existência, com a palavra *Dasein*, cujo sentido é *ser-aí*, estar aí. Assim, o *Dasein* é o único que pergunta, é o único capaz de se questionar sobre o sentido do *Ser*. A essa ontologia, Heidegger irá chamar de hermenêutica.

O método fenomenológico (utilizado por Heidegger) aplicado ao problema do *Ser*, leva-o a marcar como ponto de partida de sua reflexão aquele *Ser* que dá a conhecer imediatamente, qual seja, o próprio homem.

O pensamento heideggeriano é guiado pela fenomenologia hermenêutica e procura investigar o sentido do *Ser*, através das estruturas do *ser-aí* pautado nos teoremas da diferenciação ontológica (análise existencial) e do círculo hermenêutico. A análise das estruturas do *ser-aí* é um existencial.⁶

O caminho que leva ao *Ser* – pensa Heidegger – passa pelo homem, na medida em que este está sozinho para questionar-se sobre si mesmo e refletir sobre seu próprio *Ser*. O filósofo deve, portanto, partir da existência humana, que na linguagem heideggeriana, denomina-se *Dasein ser-aí*, tal como se dá imediatamente à consciência, a fim de elevar-se até o desvendamento (*Alétheia*) do *Ser* em si mesmo, último objetivo de toda reflexão filosófica.

Neste sentido, Heidegger distingue-se dos pensadores existencialistas, para os quais a reflexão filosófica restringe-se aos limites do próprio homem e exaure-se dentro de suas fronteiras.

A análise da existência humana, concebida apenas como via de acesso para a descoberta do *Ser*, constitui o conteúdo da primeira parte (a única publicada) de *Ser e Tempo*.

A fenomenologia

Considerações gerais

A palavra fenomenologia deriva do grego (fenômeno) *phainesthai*, aquilo que se apresenta ou que se mostra, e (logia) logos, explicação. Assim temos que seu estudo afirma a importância dos fenômenos da consciência os quais devem ser estudados em si mesmos – tudo que podemos saber do mundo resume-se a esses fenômenos, a esses objetos ideais que existem na mente, cada um designado por uma palavra que representa a sua essência, sua “significação”.

Os objetos da Fenomenologia são dados absolutos apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (*noesis*) e as entidades objetivas que correspondem a elas (*noema*). A Fenomenologia representou uma reação à pretensão dos cientistas de eliminar a metafísica.

De Aristóteles até o final da Idade Média, o caminho em busca do conhecimento foi o da análise dialética, ou seja, o raciocínio por dedução lógica, na busca de novos conhecimentos. As respostas alcançadas por esse método eram tão satisfatórias e

⁶ MELLO, 2006, p. 2

convincentes que não havia preocupação em testá-las no mundo real, mediante a observação. Ciência e Filosofia era a mesma coisa, e o método dedutivo lógico dominou o ensino e o estudo da natureza a partir de conceitos teológicos sobre Deus e o universo.

Por exemplo: se Deus existe, Ele é um *Ser* perfeito e se é um *Ser* perfeito, sua criação das coisas haveria de refletir a sua perfeição. Consequentemente, a órbita dos planetas não podia ser qualquer uma, mas devia ser a mais perfeita possível, que é a forma circular e não a elíptica, porque esta última contém desigualdades. Logo, as estrelas e os planetas situavam-se em esferas perfeitas ao redor da Terra⁷.

Edmund Husserl e a fenomenologia

Edmund Husserl (1859-1938), filósofo, matemático e lógico, foi professor em Göttingen e Freiburg im Breisgau, e dentre tantas outras obras foi autor de *Die Idee der Phänomenologie* (A idéia da Fenomenologia – 1906) fundando a Fenomenologia.

Contrariamente a todas as tendências no mundo intelectual de sua época, Husserl buscou que a filosofia tivesse bases e condições de ciência rigorosa, entretanto, como dar um rigor ao raciocínio filosófico, em relação a coisas essencialmente variáveis como as coisas do mundo real?

O sucesso do método científico está em que ele pode estabelecer uma “verdade provisória” útil, que será verdade até que um fato novo mostre uma outra realidade.

A solução que Husserl adotou para se evitar que a verdade filosófica também fosse provisória foi a de que ela deveria referir-se às coisas como se apresentam na experiência de consciência, estudadas em suas essências, em seus verdadeiros significados, de um modo livre de teorias e pressuposições, despidas de seus acidentes próprios do mundo real, do mundo empírico objeto da ciência. Buscando restaurar a “lógica pura” e dar rigor à filosofia, argumenta a respeito do princípio da contradição na Lógica⁸.

A fenomenologia é o estudo da consciência e dos objetos da consciência. A redução fenomenológica (ou “epoché” no jargão fenomenológico), é o processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Coisas, imagens, fantasias, atos, relações, pensamentos eventos, memórias, sentimentos, etc. constituem nossas experiências de consciência.

Husserl propôs então que, no estudo das nossas vivências, dos nossos estados de consciência, dos objetos ideais, desse fenômeno que é estar consciente de algo, não devemos nos preocupar se ele corresponde ou não a objetos do mundo externo à nossa mente. O interesse para a Fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. A redução fenomenológica requer a suspensão das atitudes, crenças, teorias, e colocar em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de concentrar-se a pessoa exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para ela.

⁷ COBRA, Rubem Q. *Fenomenologia*. Filotemas, Disponível em: <www.cobra.pages.nom.br>.

Acesso em 19 de novembro de 2010.

⁸ HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Ed. 70, 2008.

Não importa para a Fenomenologia como o mundo real afeta os sentidos. Husserl distingue entre percepção e intuição. Alguém pode perceber e estar consciente de algo, porem sem intuir o seu significado. A intuição *eidética*⁹ é essencial para a redução *eidética*. Ela é o dar-se conta da essência, do significado do que foi percebido. O modo de apreender a essência é, no jargão dos fenomenólogos, o *Wesensschau*, a intuição das essências e das estruturas essenciais. De comum, o homem forma uma multiplicidade de variações do que é dado. Porém, enquanto mantendo a multiplicidade, o homem pode focalizar sua atenção naquilo que permanece imutável na multiplicidade, isto é, a essência, esse algo idêntico que continuamente se mantém durante o processo de variação, e que Husserl chamou “o Invariante”.

Não podemos acreditar cegamente naquilo que o mundo nos oferece. No mundo, as essências estão acrescidas de acidentes enganosos. Por isso, é preciso fazer variar imaginariamente os pontos de vista sobre a essência para fazer aparecer o invariante.

Como dito, não é a coisa existir ou não, ou como ela existe no mundo, o que importa, mas, sim, a maneira pela qual o conhecimento do mundo acontece como intuição, o ato pelo qual a pessoa apreende imediatamente o conhecimento de alguma coisa com que se depara. Também que é um ato primordialmente dado sobre o qual todo o resto é para ser fundado. Husserl definiu a Fenomenologia em termos de um retorno à intuição (*Anschauung*) e a percepção da essência. Além do mais, a ênfase de Husserl sobre a intuição precisa ser entendida como uma refutação de qualquer abordagem meramente especulativa da filosofia. Sua abordagem é concreta, trata do fenômeno dos vários modos de consciência.

No entanto, a Fenomenologia não restringe seus dados à faixa das experiências sensíveis, mas admite, em igualdade de termos, dados não sensíveis (categoriais) como as relações de valor, desde que se apresentem intuitivamente.

Resumindo, “*epoche*” é colocar entre parênteses a atitude natural de modo que a pessoa possa abordar o fenômeno do modo como ele se apresenta. Uma vez que a atitude natural é colocada entre parênteses à pessoa pode abordar o que, de acordo com Husserl, são os dois polos da experiência: *noema* e *noesis*. *Noesis* é o ato de perceber enquanto *noema* é aquilo que é percebido. Através desse método, para Husserl, a pessoa pode perfazer uma “redução *eidética*”, ou seja, os *noema* podem ser reduzidos à sua forma essencial ou “essência”, que será sua garantia de verdade.

⁹ A redução eidética. Reconhecido o objeto ideal, o noema, o objeto da percepção, o passo seguinte é sua “redução eidética”, redução à ideia (do grego *eidos*, que significa ideia ou essência). Consiste na sua análise para encontrar o seu verdadeiro significado. Isto porque não podemos nos livrar da subjetividade e ver as coisas “como são” – o que é o real, uma vez que em toda experiência de consciência está envolvido o que é informado pelos sentidos e também o modo como a mente enfoca, trata, aquilo que é informado. Portanto, dar-se conta dos objetos ideais, uma realidade criada na consciência, não é suficiente – ao contrário: os varios atos da consciência precisam ser conhecidos nas suas essências, aquelas essências que a experiência de consciência de um indivíduo deverá ter em comum com experiências semelhantes nos outros.

A fenomenologia heideggeriana

Heidegger fora contemporâneo de Husserl e a ele dedicou sua obra fundamental, *Sein und Zeit* (Ser e Tempo), sendo seu discípulo por muitos anos, mas ao longo dos anos também foram surgindo diferenças entre o seu pensamento e o de seu mestre Husserl.

Discutir e absorver os trabalhos de importantes filósofos na história da Metafísica era, para Heidegger, uma tarefa indispensável, enquanto Husserl repetidamente enfatizou a importância de um começo radicalmente novo para a filosofia e, com poucas exceções (entre elas Descartes, Locke, Hume, e Kant), queria excluir, colocar “entre parênteses”, a história do pensamento filosófico.

Heidegger tomou seu caminho próprio, preocupado que a fenomenologia se dedicasse ao que está escondido na experiência do dia a dia. Ele tentou em *Ser e Tempo* (1927) descrever o que chamou de estrutura do cotidiano, ou “o estar no mundo”, com tudo que isto implica quanto a projetos pessoais, relacionamento e papéis sociais (pois que tudo isto também são objetos ideais). Em sua crítica, Heidegger salientou que ser lançado no mundo entre coisas e na contingência de realizar projetos é um tipo de intencionalidade muito mais fundamental que a intencionalidade de meramente contemplar ou pensar objetos, e é aquela intencionalidade mais fundamental a causa e a razão desta última, da qual se ocupava Husserl.

Para tratar da fenomenologia é necessário penetrar nesta como possibilidade de pensar o *Ser*.

Em Heidegger, a fenomenologia irá tratar do velamento e do desvelamento, na abertura do ser-aí. A fenomenologia tem o significado de fazer ver a partir de si mesmo, as coisas em si mesmas, deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra. A fenomenologia dá acesso ao que deve tornar-se o tema da ontologia, permite determinar o objeto da ontologia. “*A ontologia somente é possível como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno visa o ser do ente, enquanto aquilo que se manifesta, seu sentido, suas modificações e derivações*”.¹⁰ A fenomenologia é a via e o modo de investigação para se determinar o que deve compor tema da ontologia. A fenomenologia, numa visão heideggeriana, é um esforço de revelar aquilo que está oculto.

Chama-se fenomenológico tudo o que pertence à forma de explicação e demonstração e nesse sentido, fenômeno é, exatamente, o que constitui o *Ser*. Sendo a fenomenologia a ciência dos *Entes*, ela é ontologia.

A filosofia é ontologia fenomenológica universal, que parte da hermenêutica do ser-aí; esta, enquanto analítica existencial, dá o fio condutor de toda a problemática filosófica, fundamentando-a sobre a existência de onde brota toda a problemática e sobre a qual ela repercute.¹¹

A partir da fenomenologia hermenêutica que há uma abertura no ser-aí que permite que haja o questionamento pelo sentido do *Ser*. O *Ser* mostra-se se ocultando, mostra aquilo que em seu próprio ato de manifestação se vela. O *Ser* se manifesta quando, a partir de si é mostrado assim como em si se mostra.

A essência humana (o ser-aí) se concerne em mostrar no *Ente* o *Ser* que em si se desvela.

¹⁰ STEIN, 2001, p. 170

¹¹ STEIN, 2001, p. 173

A noção de fenomenologia em Heidegger está compilada à sua idéia de *alétheia*, pois como é sabido, a fenomenologia anseia desvelar aquilo que a partir de si mesmo sempre se oculta e se vela nos entes. A *alétheia* inspira a fenomenologia e esta é a via de acesso ao ser, como velamento e desvelamento.

A compreensão que o ser-aí tem do *Ser*, implica uma certa compreensão a cerca de uma idéia prévia do *Ser*. Como visto acima, a compreensão é modo de ser-aí enquanto existência é o próprio poder-ser do ser-aí. Com isso, o ser-aí é por si mesmo hermenêutico, enquanto se movimenta por uma compreensão de seu próprio *Ser*.¹² Essa pré-compreensão é chamada por Heidegger de pré-ontologia.

A ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diferentes da filosofia... ambas caracterizam a própria filosofia em seu objeto e seu modo de tratar. A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da pre-sença, a qual, enquanto analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde retorna.¹³

O indispensável para a fenomenologia não se concentra em realizar-se como movimento filosófico, “*acima da atualidade está à possibilidade. Compreender a fenomenologia quer unicamente dizer: captá-la como possibilidade.*”¹⁴

Considerações finais

Heidegger ao superar a metafísica ocidental, o fez ao penetrar em seus mais nobres fundamentos, afastando-se desta metafísica que historicamente esqueceu o *Ser*.

Por isso o pensamento originário heideggeriano retoma o fundamento da metafísica e supera o objetivismo da metafísica ocidental que confundia o Ser com o Ente. Trata-se da transcendentalidade do ser-aí.¹⁵

Heidegger dirá: “Da própria investigação resulta que o sentido metódico da descrição fenomenológica é interpretação”¹⁶.

Para Heidegger a compreensão hermenêutica parte do *dasein* e o *dasein* é o próprio sujeito que busca a compreensão realizando, assim, uma fenomenologia.

Como cada investigador detém sua própria historicidade – sua própria existência de *Ser* ao longo do tempo – pode-se observar que o sujeito – enquanto investigador – desenha e progride na sua própria e peculiar fenomenologia. Por essa razão é que Heidegger indica o *dasein* como ponto de partida de toda fenomenologia. Diz que essa é a ontologia fundamental e a única forma de se colocar diante do problema central da questão do *Ser*. E a fenomenologia é, antes de tudo, um estudo do *Ser*.

¹² O ser-aí é por si interpretação, assim hermenêutico.

¹³ STEIN, 2001, p. 206.

¹⁴ HEIDEGGER, 1979, 302.

¹⁵ MELLO, 2006, p. 174.

¹⁶ HEIDEGGER, 2002, p. 68.

Do exposto temos que hermenêutica deve levar em conta o aspecto construtivista da história.

Como a fenomenologia se desenvolve em uma busca da compreensão, Heidegger irá dizer que a própria filosofia é uma fenomenologia ontológica e universal que parte da hermenêutica do *dasein* – o *Ser* que habita o sujeito.

Enfim, não há, numa analítica fenomenológica, a possibilidade de não o próprio sujeito como ponto de partida. E, assim sendo, o próprio sujeito – enquanto *dasein* – fundamenta a hermenêutica da compreensão que guia o método fenomenológico.

Referências bibliográficas

COBRA, Rubem Q. *Fenomenologia*. Filotemas, Disponível em: <www.cobra.pages.nom.br>. Acesso em 19 de novembro de 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Benedito Nunes. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Ed. 70, 2008.

_____. *Investigações lógicas: Sexta Investigação*. Coleção Os Pensadores. Abril Cultural. São Paulo, 1980.

_____. *Mediações cartesianas – Introdução à fenomenologia*. Madras Editora. São Paulo, 2001.

244

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MELLO, Cleyson de Moraes. *Hermenêutica e direito*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2006.

_____. *Introdução à filosofia do direito, à metodologia da ciência do direito e hermenêutica contemporânea*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2008.

STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude? Estrutura e movimento da interpretação heideggeriana*. Rio Grande do Sul: Ed. Unijui, 2001.

_____. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.